

Tecendo futuros. Utopias e distopias contra/coloniais.

Diz o pensador contracolonial Antônio (Nêgo) Bispo dos Santos que o colonialista tem como primeira atitude nominar: “nominar lugares, pessoas, gestos” (Santos *apud* Abud, 2023). No romance distópico *Porco de Raça* (2021), de Bruno Ribeiro, um professor nordestino negro é chamado de “*Porco Sucio*”, precisando utilizar uma máscara de porco para lutar em um ringue clandestino, para o deleite de um público de forte influência política – parte da elite econômica global. Este mercado humano busca apagar o passado do protagonista, objetificar o seu presente e anular a possibilidade de tecer o seu futuro. A distopia de Ribeiro aponta para o projeto imperial que, desde a Idade Moderna, tentou recriar um estado paradisíaco e desenhar futuros eurocristãos, construindo a “utopia” do “novo mundo” (Lienhard, 1992). Parafraseando Foucault, tais utopias foram uma terrível “distopia realizada” (2003) para os povos da América Latina e Caribe com legados até hoje.

No entanto, os povos que os colonizadores queriam subjugar sempre encontraram formas de resistir, subverter, questionar, opor-se ao “sistema-mundo colonial” (Mignolo, 2007); “a grande causa das maiores mazelas que nós temos no mundo hoje” (Santos *apud* Abud, 2023). Resistindo à

imaginação destes povos como verdadeiros colonizados, Nêgo Bispo adverte: “Eu sou quilombola, não fui colonizado [...] se você foi colonizado [...], você vai precisar lutar para se descolonizar [...]. Então, no meu caso, eu tenho que contracolonizar – contrariar o colonialismo” (Santos *apud* Abud, 2023). Para ele o colonialismo é um veneno, por isso, argumenta que “você precisa ter o antídoto – o contracolonialismo!” (Santos *apud* Abud, 2023).

São estas articulações e estratégias coloniais e contracoloniais que, para este dossiê, *Tecendo futuros. Utopias e distopias contra/coloniais*, abordamos com a ideia de “tecer futuros”. Este dossiê reúne artigos no âmbito da literatura, fotografia, história, filosofia, teoria literária e dos estudos culturais que releem as idealizações utópicas coloniais e os cenários distópicos de horror decoloniais a partir da perspectiva da tecelagem do futuro. Em contraste com os projetos coloniais ou neocoloniais do futuro, *Tecendo futuros* tem um foco contracolonial e apresenta “um modo de vida diferente do colonialismo” (Santos, 2023, p. 36), ou seja “outras travessias” não eurocentradas. Como um complemento às propostas decoloniais que se baseavam no diagnóstico de lógicas eurocêntricas e no resgate de conhecimentos subalternizados, a atitude contracolonial centra-se na prática e nas vivências, “é uma forma de defender territórios tradicionais, símbolos, significações e modos de vida. Nesse sentido, a oralidade é valorizada, já que traz às formações nas universidades questionamentos e saberes que ainda não estão nos livros” (Santos *apud* Abud, 2023). Com esse objetivo em mente, o contracolonialismo reúne saberes indígenas e quilombolas de cosmopercepção de um “modo agradável de viver” e suas expressões nas artes, que entram em disputa com a compreensão de cultura enquanto eurocentrada.

Este dossiê está estruturado em torno de quatro conceitos teóricos fundamentais que serão elucidados a seguir: tecelagem, utopia, distopia e

contracolonial.

A simbólica do ato de tecer, bem como a do tecido, é variada. Remetemos, por um lado, para contextos cosmológicos, biológicos e sociais e, por outro, para uma simbólica ao destino e ao tempo, à habilidade do trabalho manual, às relações afetivas e às estruturas literárias (Butzer e Jacob, 2021, p. 149). Referenciamos às técnicas artesanais que se ocupam da junção de fibras e de materiais e dão origem às específicas de fiação, tecelagem, entrançamento, rendas, nós, tricotagem, bordados e costura – todas grafias que se materializaram e se tornam permanentes em formas emergentes como nos quipus, os registos comunicativos e mnemotécnicos andinos. Além do perigo de romantizar “outras” técnicas culturais e formas de geração de conhecimentos, existe a possibilidade de integrar e rever epistemes existentes, como o trabalho da botânica Robin Wall Kimmerer *Braiding Sweetgrass: Indigenous Wisdom, Scientific Knowledge and the Teachings of Plants* (2013). No entanto, o ato de tecer não é necessariamente inocente, podendo ainda estar inserido em práticas de violência colonial e/ou heteropatriarcal: nas redes de violência e agenciamentos coloniais tecidos ao longo da história das chamadas grandes navegações, nos abusos sexuais explicitando as desigualdades de gênero, nos sistemas de pigmentocracia ou colorismo (Walker, 1982) ou em outros fatores que explicam porque, ainda que findados períodos colonialistas, seguimos estudando as evidentes reminiscências do contexto.

Na sua maneira de operar, o colonialismo trabalha com momentos utópicos. Já os textos portugueses do início da Idade Moderna proclamam euforicamente desenhos de vida alternativos ou futuros, que sobrepõem ao “novo mundo” construído como “folha em branco”, ignorando e esquecendo formas de conhecimento nativas. De acordo com Ballestrin (2013) ou Rubbo (2018), a colonialidade denuncia a hierarquia étnica na

produção do conhecimento que, na estruturação colonial do mundo, está inscrita nos corpos e nas subjetividades de grupos colonizados. Segundo Michel Foucault (2003), a colonização e a sua projeção imperial conduziam à imposição de “utopias realizadas” – ou “heterotopias” –, como as missões cristãs estabelecidas para recriarem um estado paradisíaco. As utopias, em geral, oscilam entre a estética, a filosofia e a política. Derivada do grego *ουτόπος*, a palavra significa “não-lugar”, “em nenhum lugar”, mas também “bom lugar”, e é utilizado para inventar mundos (mais) ideais em relação à uma “realidade” histórica ou atual e liga-se ao império: “Though not usually the overt purpose of these utopian projects, their connection to nascent imperialist agendas becomes a by-product” (Chordas, 2017, p. 03). O termo remonta à obra *Vtopia* [sic] (1516), de Thomas Morus, um diário de viagem fictício sobre a Ilha de Utopia, onde não existe propriedade privada, nem dinheiro, e onde a comida e o cuidado médico são sempre disponíveis. Embora o termo “distopia” só tenha sido usado a partir do século XIX, mesmo as utopias históricas são caracterizadas por elementos horríveis e distorcidos: a *República* de Platão imagina uma cidade governada por reis-filósofos, enquanto na obra de Morus as pessoas usam roupas uniformes; os escravos estão presentes em ambas utopias, e também em textos de utopias coloniais: “Utopia, then, has its origins in violence and conquest. These are followed by a renaming and a restructuring: even the geography of the conquered territory undergoes a radical transformation” (Chordas, 2017, p. 67). “Distopia” significa “mau lugar” ou “pior lugar”. É geralmente caracterizada simplifadamente e não necessariamente corretamente como utopia invertida ou negativa e cresce muitas vezes de tendências sociais, políticas ou econômicas atuais (Claeys, Tower Sargent, 2017, p. 03). A ficção distópica moderna passa de uma concentração na satirização do coletivismo bolchevique nas décadas de 1920-1940 para um interesse mais amplo nos perigos potenciais do conformismo em democracias nocionalmente

liberais. No final do século XX, essas ficções têm um foco cada vez maior nos problemas da guerra nuclear, do colapso ambiental e da predominância de várias formas de tecnologia sobre a humanidade (Claeys, 2022, p. 61). No século XXI, a crise do eurocentrismo coincide com a projeção de um “futuro como catástrofe” (Horn, 2014) – “apocalítico” – que se preocupa pela vida desperdiçada e pelos recursos desgastados em empresas neocoloniais ou neoliberais, explícitas ou sub-reptícias, ativando a dor dos seus tecidos cicatrizados (Martins, 2021; Krenak, 2019). Aliando-se ao pensamento do filósofo e ativista contracolonial Ailton Krenak, é possível refletir como o “fim do mundo” já houve para muitas mulheres indígenas e outros sujeitos violentados pelo colonialismo. Enquanto “portugueses desbravadores” viam as “conquistas” como concretizações das utopias, os sujeitos violentados viviam distopias reais. Esse também é o caso no campo da ficção, que retrata simultaneamente elementos de utopia e distopia, ou uma sequência de passagem ou reversão para um ou outro (Claeys, 2022, p. 61).

No entanto, a utopia e a distopia imperiais reescrevem-se justamente pela busca de se pensar e viver a partir de outros modos, que não os dos pensamentos e fundamentos de episteme ocidental. É o que notamos quando Nêgo Bispo debate a arte enquanto algo que se compartilha, que vai do indivíduo para o comunitário, a cosmopercepção de “modo agradável de viver” entra em disputa com a compreensão de cultura enquanto eurocentrada. Partindo de sua experiência como quilombola, ele reflete como “os colonialistas dizem que não temos cultura quando não nos comportamos do jeito deles” (Santos, 2023, p. 23). Desse modo, prefere destacar o interesse de muitos em sua comunidade em saber dançar e cantar ao som do batuque, de compartilhar o canto do ponto da gira, de ouvir o canto dos passarinhos, de cozinhar coletivamente. Reescreve seus lugares no mundo, assim, ao dizer que “arte é conversa das almas” (Santos, 2023, p. 23). E, sabendo que fazem bem essa conversa, sabem que fazem bem arte.

Em confluência com o ato de saudar outras cosmovisões e cosmologias como as de povos indígenas (Machado e Tupinambá, 2018), isto é, que não as eurocentradas, neste sentido, nota-se uma base para questionamentos e oposições às estruturas violadoras coloniais.

Em um ímpeto claramente contracolonial, a poeta Leda Maria Martins nos conduz na sua obra *Poéticas do tempo espiralar: Poéticas do corpo-tela* (2021) a “adiar o fim do mundo”, tomando emprestado o título da obra de Krenak à qual acabamos de nos referir. A pensadora nos exorta a (re)tecer o tempo e seus desdobramentos saindo do entendimento colonial de mundo, no qual as marcas de passado são apagadas à medida que a ancestralidade não faz parte e que não tece um presente em que o futuro possa ser um novo início de um novo ciclo. Para ela, a percepção eurocristã autoritária do tempo é “apocalíptica” – em uso do desenvolvimento, do progresso – não constrói o futuro ao desgastar profundamente os recursos e a própria vida. De acordo com a cosmovisão trazida à baila por Martins, outras formas de pensar o tempo fazem-se necessárias, à medida que este não deve ser vislumbrado apenas como algo linear progressista e comensurado, ou seja, aquele projetado pela perspectiva ocidental, mas sim pensar em um tempo que subverte esta lógica, curvo, transverso, simultâneo e, por isso, espiralar. Tece-se, portanto, outra compreensão de tempo, no qual aquele que caminha para o fim, para a distopia, é eurocentrado. Também Ailton Krenak no seu último livro *Futuro ancestral* (2022) inventa cartografias para “depois do fim”, propondo imaginar “camadas do mundo, nas quais as narrativas sejam tão plurais”, baseando-se nas memórias “de centenas de povos, seja nas Américas, na África, na Ásia” (Krenak, 2022, p. 17).

Considerando as perspectivas aqui levantadas, refletimos neste dossiê sobre como as literaturas e artes contra/coloniais utilizam estratégias estéticas para tecerem futuros diferentes. Tal como a arte europeia tem construído

futuros coloniais, o projeto contracolonial “tece” memórias, contra-histórias e pluralidade numa rede diversa que constrói o futuro a partir do passado. Com base no que precede, esta antologia discute essas aplicações metafóricas ou concretas da “tecelagem” do futuro contra/colonial, bem como os traços utópicos e distópicos que essas visões do futuro assumem especialmente nos quatro continentes da assim chamada lusofonia. Dessa maneira, integra este número especial análises e contribuições tecidas sobre/em/com artes e atos subversores da violência colonial, aplicações diretas e indiretas das possibilidades de se tecer futuros contracoloniais e destecer outros modelos.

O dossiê começa em ordem cronológica com o artigo de Romana Radlwimmer “Ilhas do futuro. Tecendo o discurso utópico-imperial (Pero Vaz de Caminha, Thomas Morus, Luis de Camões, José de Anchieta, António Vieira e Gregório de Matos)”. A contribuição nos ajuda a estabelecer as bases para a articulação da utopia imperial português criada no início do período moderno. Radlwimmer demonstra como o discurso caracterizou-se no século XVI, e no século XVII, como uma ilha quase ideal, e como um melhor futuro desejado. Em diálogo com o artigo anterior, Fernando Nina propõe em “Formas de autoencenação como um contradiscurso barroco no século XVII: Felipe Guamán Poma de Ayala e António Vieira” uma leitura de *El primer nueva corónica y buen gobierno* (Guamán Poma de Ayala, 1615) e do *Sermão de Santo António aos Peixes* (Vieira, 1654) como textos híbridos e como contradiscursos, na medida em que ambos entrelaçam as culturas europeias dominantes e as culturas indígenas americanas dominadas, de forma subversiva. Em “Idealizar um mundo novo é o melhor: crônicas utopianas já”, Francisco de Sousa Araújo analisa o que há de utopia decolonial nas obras *O Ofício do cronista* de Machado de Assis (1994), e *Recordações* de Antônio Prata (2016) e como produzem *insights* que ajudam a tecer o hoje e o amanhã transmoderno/decolonial contra o colonialismo que se transfigurou em colonialidade moderna-eurocêntrico-universal.

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

Em um aparente salto para o presente, Danae Gallo González e Susanne Grimaldi nos fazem mergulhar na performance *Museu das Invasões*, de Emiliano Dantas, brasileiro radicado em Portugal no seu artigo “Textilidade na performance *Museu das Invasões* (2023) de Emiliano Dantas: uma intervenção anti-utópica de futuro na memória colonial portuguesa”. As acadêmicas examinam a aplicação metafórica e literal da ‘textilidade’ (Ingold, 2010) na performance para tecer de maneira anti-utópica outro futuro da memória portuguesa que analisavam Radlwimmer e Nina em seus artigos históricos. Blenda Souto Maior Belém no seu artigo “Nas tessituras da escrevivência de Conceição Evaristo: a palavra-gesto como escrita do corpo na arte de Rosana Paulino e Sônia Gomes” examina, a partir do conceito de Conceição Evaristo, a obra destas artistas negras brasileiras como episteme que se inscreve no corpo, através do gesto e que se opõe a colonialidade com *impetus* contracolonial. Aumentando o foco em toda a América Latina, Claudete Daflon também usa Ingold como um teórico para examinar a arte de Cecília Vicuña, Sony Ferseck e Rosana Paulino no seu artigo “Conexões e costuras: Cecília Vicuña, Sony Ferseck e Rosana Paulino”. Daflon discute a “conexão” como procedimento estético, político e epistêmico relacionado à produção poética e artística contemporânea na América Latina a partir do sentido performático do fazer implicado no fiar, tecer, bordar e coser concebidos no âmbito do trabalho reprodutivo de escopo feminino e demonstra a relevância de perspectivas relacionais na proposição de mundos possíveis em oposição à colonialidade. Em um salto para Moçambique de 1988, Carlos Oliveira Kubernat, Edson Soares Martins e Newton de Castro Pontes analisam “A ética como elemento composicional em ‘Aconteceu em Saa Saa’, de Lília Momplé”, um conto presente na obra *Ninguém matou Subura* (1988). Os autores investigam como a obra de Momplé segue a ética como elemento composicional da narrativa para configurar a ótica que melhor permite uma visão não ocidental e comprometida com a história de

sua terra natal em contraposição às estratégias coloniais de invisibilização.

Os povos indígenas no Uruguai também são afetados pelas mesmas estratégias coloniais de invisibilização. Como Sabina Sebasti ilustra em “Ensayo sobre una tragedia: el exterminio de los indígenas en Uruguay o acerca del porqué somos un pueblo triste”, o Uruguai sofreu um profundo silenciamento coletivo do extermínio dos povos originários – com consequências desastrosas para a atualidade. A perda linguística e, portanto, coletiva se situa no centro da contribuição de Maria Beatriz Rodrigues da Silva, Paulo Henrique Ordones da Silva e Renata Beatriz Brandespin Rolon. Em “O romance de Ytanajé Cardoso e a iminência da perda etnolinguística do povo munduruku: uma leitura de *Canumã: a travessia* (2019)” as autoras e o autor analisam como o primeiro romance escrito por uma pessoa da etnia munduruku pode ser perfeitamente lido sob a fundamentação decolonial. Em “Descosendo fronteiras e cosendo ritmos musicais: algumas linhas para a leitura de *Também os Brancos Sabem Dançar*” Cláudia Fernandes analisa como, no romance musical de Kalaf Epalanga, a música pode ser considerada como um lugar para formar utopias, negociando nela simultaneamente temas entrelaçados como o colonialismo e a migração. Com “Entre pássaros e serpentes, num jogo voraz pela vida: o jovem leitor e a distopia” de Valdinei José Arboleya, mudamos claramente de lugares da utopia para cenários de distopia. Em seu artigo, Arboleya examina a trilogia estadunidense *The Hunger Games* (2008-2010), de Suzanne Collins, e os volumes subsequentes em termos de sua capacidade de oferecer uma crítica contracolonial em um sentido político, econômico e cultural.

A seguir, Rodrigo Valverde Denubila aborda no seu artigo o conceito de afrofuturismo no filme *Space Is the Place* (1974), dirigido por John Coney, e no romance *Kindred: laços de sangue* (1979), de Octavia Butler. Em “Entre viagens intergalácticas e espaçotemporais: *Space Is the Place* e *Kindred*”,

Denubila discute como o passado africano é incorporado em narrativas que projetam futuros utópicos diante de um passado distópico definido pelos amígdalos efeitos do colonialismo: a escravidão e o deslocamento. Bruno Robson Ribeiro dos Santos e Mylena de Lima Queiroz abrem com seu artigo “A escrita como possibilidade contracolonial: reescritas da multidão” outra seção deste dossiê dedicada a conceitos, teorias e princípios contracoloniais que contradizem os discursos hegemônicos coloniais. No seu artigo, dos Santos e Queiroz discutem até que ponto obras das multidões de Carolina Maria de Jesus e Geovani Martins, por exemplo, podem ser incorporadas pelas ideias contracoloniais para (re)tecer a teoria literária e cultural. Em “Por uma teoria literária Sankofa: utopia ou distopia?”, Dênis Moura de Quadros faz observações semelhantes sobre o legado colonial nos escritos teóricos. Por isso, ele propõe uma mudança necessária partindo de uma teoria literária Sankofa: um pássaro numa linguagem simbólica que voa para frente olhando para trás. Moura de Quadros vê a urgência de uma teoria literária *enegrescida* que projete futuros negros. A contribuição sobre o princípio panafricanista de kuumba e as histórias africanas de Ananse em “Kuumba na Amazônia paraense: a criatividade negra como propulsora à continuidade das existências negras na contemporaneidade” de Emerson Silva Caldas remata o nosso tomo. Baseado nas epistemologias negras da diáspora africana, Caldas retoma precisamente as ideias dos pensadores Molefi Kete Asante e sobretudo de Nêgo Bispo para criar afroconfluências.

Epílogo em forma de réquiem

No último sábado de novembro de 2023, o mestre quilombola Nêgo Bispo articulava em sua fala longa sobre temas diversos – desde a potência daqueles que habitam nos rincões, a resistência do povo de Canudos, na

Bahia e até a persistência dos sertanejos de Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, no Ceará. Seguiu o convite do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do Instituto Federal da Paraíba (IFPB). Palestrava como última atividade programada do Novembro Negro que se dedica à consciência negra.

Nêgo Bispo fazia refletir sobre a integração não como conciliação que reduz o mais fraco, mas relação entre os *diversais* que se acolhem. Sobre como ler esses movimentos quilombolas, sertanejos e catingueiros ensina a negar a vulnerabilidade que as estruturas colonialistas relegam a corpos e ensinamentos à margem do sistema colonial atual. Do Quilombo Saco-Curtume, em São João do Piauí, Nêgo Bispo convocava à reflexão sobre expressões do nosso entorno que geram futuros possíveis: desde arquitetura, alimentação, dança e política popular à biointegração (Santos, 2023), um dos termos usados por ele que se centra na relação entre humanos e natureza. Naquele sábado, pensando e articulando modos de subverter o “sistema-mundo colonial-moderno” (Mignolo, 2007), Nêgo Bispo, uma das vozes primordiais do contracolonialismo, dava sua última palestra antes de se encantar.

Em memória de seu legado, encerramos esta introdução com o poema que ele compôs e recitou para as comunidades do Complexo de Favelas da Maré em 2018, recitado novamente na sua última palestra, como uma invocação que nos levará a tecer outros futuros em confluência:

Nós, caminhando pelos penhascos
atingimos o equilíbrio das planícies
Nós, nadando contra as marés
atingimos a força dos mares
Nós, edificando nos lamaçais
atingimos a firmeza dos lajeiros
Nós, habitando nos rincões
atingimos a proximidade da redondeza

Nós somos o começo, o meio e o começo
Existiremos sempre
sorrindo nas tristezas
para festejar a vinda das alegrias
Nossas trajetórias nos movem
Nossa ancestralidade nos guia
(Santos *apud* Redes da Maré, 2018)

Danae Gallo González, Justus-Liebig-Universität Gießen – Alemanha
Susanne Grimaldi, Technische Universität Dresden – Alemanha
Mylena de Lima Queiroz, Universidade Estadual do Ceará – Brasil
Romana Radlwimmer, Goethe-Universität Frankfurt – Alemanha

Referências

BALLESTRIN, Luciana. “América Latina e o giro decolonial”. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 11, p. 89-117, 2013.

BUTZER, Günter; JACOB, Joachim. “Gewebe”. In: BUTZER, Günter; JAKOB, Joachim (Org.). Stuttgart: Metzler, *Metzler-Lexikon literarischer Symbole*, vol. 3, Stuttgart: Metzler, p. 149-151, 2021.

CHORDAS, Nina. *Forms in EARLY Modern Utopia: The Ethnography of Perfection*, Taylor & Francis Group, p. 67, 2017.

CLAEYS, Gregory. “Dystopia”. In: MARKS; Peter; WAGNER-LAWLOR, Jennifer A.; VIEIRA, Fátima (Org.). *The Palgrave Handbook of Utopian and Dystopian Literatures*. Cham: Palgrave Macmillan, p. 53-64, 2022.

CLAEYS, Gregoy; TOWER SARGENT, Lyman. “Introduction”. In: CLAEYS, Gregoy; TOWER SARGENT, Lyman (Eds.): *The Utopia Reader*. New York: New York University Press, p. 1-15, 2017.

FOUCAULT, Michel. “Andere Räume”. Tradução de Walter Seitter. In: MORAVÁNSZKY, Ákos (Ed.): *Architekturtheorie im 20. Jahrhundert*. Eine kritische Anthologie. Springer, p. 549-556, 2003.

HORN, Eva. *Zukunft als Katastrophe*. Warum wir unsere Zukunft schwarz malen. Frankfurt am Main: Fischer, 2014.

KIMMERER, Robin Wall. *Braiding Sweetgrass: Indigenous Wisdom, Scientific Knowledge and the Teachings of Plants*. Minneapolis: Milkweed Editions, 2013.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LIENHARD, Martin (ed.). *Testimonios, cartas y manifiestos indígenas*. (Desde la conquista hasta comienzos del s. XX). Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1992.

MACHADO, Ricardo; TUPINAMBA, Casé Angatu Xukuru. “Nós não somos donos da terra, nós somos a terra”. *IHU Online -Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, n. 527, 2018. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7395-nos-nao-somos-donos-da-terra-nos-somos-a-terra>. Acesso em: 4 set. 2024.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina: La herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa, 2007.

RIBEIRO, Bruno. *Porco de Raça*. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2021.

RUBBO, Deni A. “Aníbal Quijano e a racionalidade alternativa na América Latina: diálogos com Mariátegui”. *Estudos Avançados*, v. 32, n. 94, p. 391-409, 2018.

SANTOS, Antônio (Nêgo) Bispo dos. *A terra quer, a terra dá*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Antônio (Nêgo) Bispo dos. *apud* ABUD, Marcelo. “O que é contracolonial e qual a diferença em relação ao pensamento decolonial?”. *Instituto Claro. Educação*. 21 março 2023. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/podcasts/o-que-e-contracolonial-e-qual-a-diferenca-em-relacao-ao-pensamento-decolonial/>. Acesso em: 4 set. 2024.

SANTOS, Antônio (Nêgo) Bispo dos. *apud* REDES DA MARÉ. “Somos começo, meio e começo – um até breve a Nêgo Fra”. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/br/artigo/321/somos-comeco-meio-e-comeco-um-ate-breve-a-nego-bispo>. Acesso em: 28 ago. 2024.

SILVA, Denise Ferreira da. Em estado bruto. Tradução de J. N. Otoch. *ARS São Paulo*, v. 17, n. 36, p. 45-56, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2019.158811>. Acesso em: 28 ago. 2024.

WALKER, Alice. “If the present looks like the past, what does the future look like?” In: WALKER, Alice. *In Search of Our Mothers’ Gardens: Womanist Prose*. San Diego, California: Harcourt Brace Jovanovich, p. 290-291, 1983.

Submissão: 10/09/2024
Aceite: 10/09/2024

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2024.e102789>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*